

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão

Textos

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



Índice

- 15 Editorial
José Morais Arnaud

1. Historiografia

- 19 Arqueólogos Portugueses
Jacinta Bugalhão
- 33 A arqueologia nacional: valores de referência
Gertrudes Branco
- 41 De Chão de Minas (Loures) a Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa):
Breve balanço de um ciclo de vida em estudos Pré-Históricos
Vitor Oliveira Jorge
- 51 A emergência da arqueologia processual em Portugal: a teoria e o método
(1968-2000). Uma introdução
Daniel Carvalho / Mariana Diniz
- 63 Francisco António Rodrigues de Gusmão: a Arqueologia, a Epigrafia e o Património
Pedro Marques
- 75 História das investigações dos hipogeus em Portugal
Cátia Saque Delicado
- 87 «Porque havemos de deixar nas mãos de especialistas estrangeiros perspectivas que
tanto nos dizem respeito?». A colaboração arqueológica internacional no Portugal
dos anos 50-60 do século XX: tradições, inovações e contradições
Ana Cristina Martins

2. Estudo e valorização

- 101 Musealização do sítio arqueológico da Foz do Enxarrique: do projeto à obra feita
Luís Raposo / Mário Benjamim
- 113 Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu):
objetivos e primeiros resultados
Manuel Luís Real / António Faustino Carvalho / Catarina Tente
- 125 Castro de Guifões (Matosinhos) – das primeiras notícias aos resultados
preliminares de um projecto de investigação
Andreia Arezes / José Manuel Varela
- 137 O projeto Castr’uíma (Vila Nova de Gaia, 2010-2015): elementos e reflexões para
um balanço prospetivo
António Manuel S. P. Silva / J. A. Gonçalves Guimarães / Filipe M. S. Pinto / Laura Sousa /
Joana Leite / Paulo Lemos / Pedro Pereira / Maria de Fátima Teixeira
- 155 São Salvador do Mundo – o estado da arte!
André Donas-Botto
- 161 Mértola na Idade do Ferro: primeiros resultados de dois projectos de investigação
Francisco José García Fernández / Pedro Albuquerque / Maria de Fátima Palma
- 171 Estado atual do conhecimento acerca do povoamento em época romana na Amadora
Gisela Encarnação / Vanessa Dias

- 185 Arqueologia urbana no concelho de Loures
Alexandre Varanda
- 195 19 anos de Arqueologia urbana em Machico, Região Autónoma da Madeira
Isabel Paulina Sardinha de Gouveia / Élvio Duarte Martins Sousa

3. Gestão e salvaguarda

- 209 Paisagens e patrimónios no concelho de Loures: reflexões sobre uma experiência de comunicação em arqueologia, património e história local
Florbel Estêvão
- 215 Para além da gestão patrimonial: uma nova relação da arqueologia com o território
Luiz Oosterbeek / Anabela Pereira / Davide Delfino / Elaine Ignácio / Henrique Mourão / Maria Nicoli / Marian Helen Rodrigues / Nelson Almeida / Pierluigi Rosina / Rita Anastácio / Pedro Cura / Sara Cura / Sara Garcês
- 227 A memória como ferramenta de pesquisa e investigação arqueológica
Alexandra Figueiredo / Ricardo Lopes / Sónia Simões / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira
- 237 A apropriação dos vestígios arqueológicos por parte das comunidades modernas e contemporâneas
Alexandra Vieira
- 249 Acompanhamento arqueológico em Lisboa – lei, des(ordem) e procrastinação
Alexandre Sarrazola
- 259 Acompanhamento arqueológico e método. Contributo para o seu enquadramento legal
Iva João Teles Botelho
- 273 Intervenção arqueológica na Avenida dos Aliados, Porto. O Bairro do Laranjal
Luís Filipe Coutinho Gomes / Iva Botelho / João André Perpétuo
- 287 Gestão do património arqueológico em intervenções de minimização e salvaguarda
Leonor Rocha / Gertrudes Branco

4. Pré-História

- 295 O crânio humano Acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Juan Luis Arsuaga / Rolf Quam / Dirk L. Hoffmann / Maria Cruz Ortega / Elena Santos / Sandra Gómez / Ángel Rubio / Lucia Villaescusa / Pedro Souto / Filipa Rodrigues / João Maurício / Artur Ferreira / Paulo Godinho / Erik Trinkaus / João Zilhão
- 303 Ocupações Pleistocénicas da margem esquerda do Baixo Minho (Miño/Minho 2). Objetivos e primeiros resultados de um projeto transfronteiriço
João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Alberto Gomes / Eduardo Méndez-Quintas / José Meireles / Alfredo Pérez-González / Manuel Santonja
- 319 Estudo tecnológico de três sítios do Paleolítico médio do centro de Portugal: Ribeira da Ponte da Pedra, Santa Cita e Lagoa do Bando
Sara Cura / Antonella Pedernana / Pedro Cura / Luiz Oosterbeek / Gabriele Luigi Francesco Berruti / Pedro Peça / Rosa Linda Graziano
- 331 O Paleolítico médio de S. Julião da Barra: a indústria lítica dos depósitos flúvio-marinhos intervencionados no âmbito da construção do campus universitário de Carcavelos
João Luís Cardoso / Pedro Peça / Raquel Santos
- 341 As indústrias Paleolíticas do Baixo Guadiana: perspetivas para uma investigação futura a partir das recolhas de Abel Viana
Luís Gomes / Alexandre Varanda

- 357 A sequência estratigráfica da Lapa dos Coelhoos: funcionalidade e subsistência ao longo do Pleistocénico superior no sopé da Serra de Aire (Portugal)
Cristina Gameiro / Simon Davis / Francisco Almeida
- 375 O início do último máximo glacial no Sul de Portugal: novos dados a partir do sítio arqueológico de Vale Boi
Joana Belmiro / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 385 Sobre a definição e interpretação das tecnologias líticas bipolares em contextos pré-históricos
Pedro Horta / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 393 Abrigo da Buraca da Moira, Leiria: resultados preliminares do projeto Ecoplis
David Nora / Joana Pereira / Patrícia Monteiro / Eduardo Paixão / Sandra Assis / Marina Évora / Carlos Duarte / João Marreiros / Vânia Carvalho / Trenton Holliday / Telmo Pereira
- 403 Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o tardiglacial e o pré-boreal no Vale do Côa
Thierry Aubry / Cristina Gameiro / André Santos / Luís Luís
- 419 Reconstruir atividades humanas e formação de contextos conquíferos: microfácies sedimentares do Cabeço da Amoreira (Muge) e das Poças de São Bento (Sado) e o seu potencial interpretativo nos padrões de comportamento humano no Mesolítico
Carlos Duarte / Ana M. Costa / Vera Aldeias
- 433 Líticos em contexto – tecno-tipologia e distribuição espacial no concheiro mesolítico de Poças de S. Bento (Alcácer do Sal)
Diana Nukushina / Mariana Diniz / Pablo Arias
- 447 Arqueotematologia e coleções museológicas: estratégias e desafios para o estudo das práticas funerárias do passado
Rita Peyroteo-Stjerna
- 461 Fossas, fornos ou silos? O contributo do Barranco da Horta do Almada 1 (Beja) para a definição cronológica e funcional das estruturas negativas Mesolíticas e Neolíticas
Ana Rosa / Mariana Diniz
- 467 Para uma periodização da Pré-História recente do Norte de Portugal: da segunda metade do 4.^o milénio aos finais do 3.^o milénio aC
Susana Soares Lopes / Ana M. S. Bettencourt
- 489 A gestão do sílex durante o Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
Henrique Matias / César Neves
- 505 Tumulações da Pré-História recente do Centro/Norte litoral: o caso das Mamoas do Taco (Albergaria-a-Velha)
Pedro Sobral de Carvalho
- 519 Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no maciço calcário de Sicó
Fernando Silva / António Monteiro / Gertrudes Branco / Leonor Rocha
- 529 A arqueologia aérea: métodos e técnicas para a observação de dólmenes. O caso de Mora e Arraiolos
Ariele Câmara / Leonor Rocha / Teresa Batista
- 541 Intervenção arqueológica no projecto de “Recuperação e valorização da Anta do Carrascal” (Aigualva, Sintra)
Patrícia Jordão / Pedro Mendes / Cláudia Relvado
- 557 O uso do crânio em rituais da Pré-História
Carlos Didelet

- 563 Novos dados sobre as ocupações Neolíticas do centro de Lisboa
Helena Reis / Tiago do Pereiro / Nelson Cabaço / Rui Ramos / António Valera
- 575 As galerias de mineração de sílex de Campolide e o seu contexto Europeu.
Comparações e análise
Eva Leitão / Carlos Didelet / Guilherme Cardoso
- 581 O povoamento Neolítico em Avis: uma análise preliminar dos dados
disponíveis
Ana Cristina Ribeiro
- 591 Vila Nova de São Pedro (Azambuja), no 3º milénio, um sítio Calcolítico
no ocidente peninsular – contributos para um debate
Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 605 A ocupação humana do III milénio a.C. do Cabeço da Ervideira (Alcobaça)
João Pedro Vicente Tereso / Rita Gaspar / Cláudia Oliveira
- 619 O conjunto de pedra lascada da Ota: questões tecnológicas e socioeconómicas
Ana Catarina Basílio / André Texugo Lopes
- 631 “T0 com cachet”: as eventuais cabanas subterrâneas do recinto de fossos
do Porto Torrão
Filipa Rodrigues
- 647 Potes para os mortos: ritual funerário e tecnologia cerâmica em contexto megalítico
Nuno Inácio
- 661 Os componentes de tear no Castelo de Pavia
Liliana Teles / Leonor Rocha
- 671 Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do Sudoeste
da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo)
Catarina Costeira
- 687 Broken Arrow: as pontas de seta dos povoados de São Pedro (Redondo,
Alentejo central)
Rui Mataloto / Diana Nukushina / Catarina Costeira
- 705 A pedra lascada nos *tholoi* do baixo Alentejo interior: notas preliminares
de casos de estudo
Ricardo Russo / Ana Catarina Sousa
- 723 Exploração de recursos aquáticos no final do Neolítico e Calcolítico: breve
revisão do registo faunístico
Sónia Gabriel / Cláudia Costa
- 741 Contributos para o conhecimento da componente animal dos recintos
de fossos calcolíticos. A fauna vertebrada de Montoito 2
Cláudia Costa / Rui Mataloto
- 753 Entre vales e escarpas. Estudo da fauna recuperada na Lapa da Mouração
(Porto de Mós, Leiria)
Ana Beatriz Santos / Cátia Saque Delicado
- 765 Reconstrução paleoambiental da margem Norte do rio Tejo através da análise
multiproxy de sedimentos recolhidos em contexto de obra com achados
arqueológicos
Ana M. Costa / M^a. Conceição Freitas / Vera Lopes / César Andrade / Jacinta Bugalhão /
Pedro Barros
- 781 Análise preliminar dos padrões de localização das grutas com arqueologia
do centro e Sul de Portugal
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves / João Cascalheira

5. Proto-História

- 795 Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na bacia hidrográfica do rio Ave (Noroeste de Portugal)
Hugo Aluai Sampaio
- 809 A necrópole da Idade do Bronze do Corvilho (Santo Tirso): novos dados para a sua contextualização cronológica
Hugo Aluai Sampaio
- 819 Povoado de São Lourenço. Novos dados. Castro Daire, Viseu (CNS 5114)
Vitor Manuel da Silva Dias
- 833 O enterramento da Idade do Bronze da Gruta das Redondas (Carvalhal de Aljubarrota): um contributo para o estudo do Bronze antigo na Estremadura atlântica
João Carlos Senna-Martinez / Elsa Luís / Rita Matos / Pedro Valério / Maria de Fátima Araújo / João Tereso / Isabel Costeira
- 849 O sítio de fossas da Horta do Cabral 6. Contribuição para o conhecimento da Idade do Bronze na região do Torrão (Alcácer do Sal, Portugal)
Henrique Matias / Marco António Andrade / Cláudia Costa / Hugo Aluai Sampaio / Inês Simão / António Monge Soares / Rui Monge Soares / Patrícia Monteiro
- 865 Estudo paleoetnobotânico do Crasto de Palheiros na Idade do Ferro – uma análise carpológica
Margarida Isabel Leite / João Pedro Tereso / Maria de Jesus Sanches
- 877 A comparação como ferramenta de estudo de processos de representação e interacção: o caso de “Tartessos”
Pedro Albuquerque
- 887 Produções cerâmicas de inspiração grega no vale do baixo Tejo
Elisa de Sousa / João Pimenta
- 897 O metal de base cobre dos objectos de uso pessoal em sepulturas da I Idade do Ferro do Monte Bolor 1-2 (Beja)
Pedro Valério / Maria Fátima Araújo / António M. Monge Soares / Rui Soares / Lídia Baptista
- 907 A Azougada (Moura) e o sistema metrológico da Idade do Ferro pós-orientalizante do baixo e médio Guadiana
Ana Sofia Antunes
- 929 Os ossos trabalhados do Castro da Azougada (Moura, Portugal)
Mariana Nabais / Rui Soares
- 943 Janelas abertas sobre a Idade do Ferro: os queimadores de Mesas do Castelinho (Almodôvar)
Susana Estrela
- 955 O sítio arqueológico do Espigão das Ruivas (Cascais)
José d’Encarnação / Guilherme Cardoso

6. Arte Rupestre

- 969 E depois do Côa? A investigação de arte rupestre em Portugal desde 1995. Parte 1: a Sul do Tejo
Andrea Martins
- 991 Isto não é um afloramento! É uma rocha de arte rupestre. . . factores potenciais de escolha de superfícies de arte rupestre na fase antiga Paleolítica da Arte do Côa.
António Batará Fernandes

- 1003 A arte rupestre da Gruta do Escoural – novos dados analíticos sobre a pintura Paleolítica
António C. Silva / Guilhem Mauran / Tânia Rosado / José Mirão / António Candeias / Carlos Carpetudo / Ana Teresa Caldeira
- 1021 A arte megalítica da Mamoa 1 do Taco (Albergaria-a-Velha, Aveiro).
Novos resultados
Lara Bacelar Alves / Pedro Sobral de Carvalho
- 1037 O Monte Faro – uma paisagem icónica da arte Atlântica Peninsular
Lara Bacelar Alves / Mário Reis
- 1053 Gravuras rupestres do Noroeste Português para além das artes Atlântica e Esquemática
Ana M. S. Bettencourt
- 1069 O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal).
Embarcações, armas, cavalos e ex-votos
Manuel Santos-Estévez / Ana M. S. Bettencourt
- 1085 Uma abordagem “multi-proxy” aplicada à conservação do sítio de arte rupestre de Cobragança, Mação, Portugal
Sara Garcês / Hugo Gomes / Vera Moleiro / Hugo Pires / Flávio Joaquim / Anabela Pereira / Luiz Oosterbeek

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1099 O projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da Aldeia de Pegarinhos (Alijó) – em busca das origens da romanização do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1109 O *corpus* dos mosaicos romanos do *conventus bracaravgustanus*
Fátima Abraços / Licínia Wrench / Cátia Mourão / Filomena Limão / Jorge Tomás García
- 1123 Vestígios de transformação de produtos no concelho de Castelo de Vide (Portalegre, Portugal) – inseridos no povoamento rural romano
Sílvia Monteiro Ricardo
- 1137 Novos dados sobre a ocupação de época Romana Republicana da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal): o espólio metálico
Francisco B. Gomes
- 1149 Reflexões em torno da jazida arqueológica Torre Velha 1 e a sua relação com o espaço e dinâmicas ocupacionais envolventes
Teresa Ricou Nunes da Ponte
- 1163 A ocupação Romana do Monte dos Toirais, Montemor-o-Novo. Um exemplo de arqueologia preventiva no contexto dos finais dos anos 90 (séc. XX)
Jorge Vilhena / Carolina Grilo
- 1177 A actuação votiva dos grupos de origem servil no Sul da Lusitânia
Sílvia Teixeira
- 1185 Ataegina uma Divindade Peninsular
Cristina Lopes
- 1193 Espólio de cerâmicas finas romanas e separadores dos fornos do Morraçal da Ajuda (Peniche, Portugal)
Eurico Sepúlveda / Guilherme Cardoso / Catarina Bolila / Severino Rodrigues / Inês Ribeiro
- 1205 As «marcas de oleiro» na *terra sigillata* de Vale de Tijolos (Almeirim) e as dinâmicas comerciais no *ager scallabitanus* durante o principado
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Henrique Mendes

- 1219 Evidências de um espaço funerário. Vestígios de uma necrópole romana às portas de Scallabis
Carlos Boavida / Tânia Manuel Casimiro / Telmo Silva
- 1229 *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole Noroeste de Olisipo
Sílvia Casimiro / Francisca Alves Cardoso / Rodrigo Banha da Silva / Sandra Assis
- 1243 O espaço de necrópole Romana das Portas de Santo Antão, Lisboa
Nelson Cabaço / Alexandre Sarrazola / Rodrigo Banha da Silva / Liliana Matias de Carvalho / Marina Lourenço
- 1255 Pintura mural na Travessa do Ferragial, Lisboa
Raquel Henriques / António Valongo
- 1265 Aspetos construtivos do Teatro Romano de Lisboa: matérias-primas e técnicas edificativas
Lídia Fernandes
- 1279 Um contexto cerâmico e vítreo da primeira metade do séc. III d.C. do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa)
Raquel Guimarães / Rodrigo Banha da Silva
- 1293 Contextos Romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa
Helena Pinheiro / Raquel Santos / Paulo Rebelo
- 1305 As ânforas Romanas da nova sede da EDP (Lisboa)
José Carlos Quaresma / Rodrigo Banha da Silva / José Bettencourt / Cristóvão Fonseca / Alexandre Sarrazola / Rui Carvalho
- 1317 As ânforas de tipo *la Orden* na Lusitânia meridional: primeira leitura, importância e significado
Rui Roberto de Almeida / Carlos Fabião / Catarina Viegas
- 1331 Combustível para um forno: dinâmicas de ocupação de um espaço em Monte Mozinho (Penafiel) a partir de novos dados arqueobotânicos
Filipe Costa Vaz / Luís Seabra / João Pedro Tereso / Teresa Pires de Carvalho
- 1347 A necrópole de Alcoitão no contexto das práticas funerárias alto-Medievais do concelho de Cascais
Catarina Meira
- 1359 Paisagem e estratégias do povoamento rural Romano e Medieval no troço médio do vale do Guadiana
João António Ferreira Marques
- 1379 Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1393 Evolução da estrutura urbana de Santarém entre os séculos VIII e XIII: uma análise macroscópica a partir da localização das necrópoles Islâmicas
Marco Liberato / Helena Santos
- 1405 O povoamento rural Islâmico na *kura* de Alcácer do Sal: breve análise da toponímia
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1417 Manifestações lúdicas na cerâmica do *gharb al-Andalus*
Maria José Gonçalves / Susana Gómez Martínez / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes / Isabel Inácio / Marco Liberato / Constança dos Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco / Catarina Coelho

- 1431 Estuques decorados Islâmicos, do século XI, do castelo de Silves
Rosa Varela Gomes
- 1443 O sistema defensivo Medieval de Tavira – elementos ocultos por entre o casario
Jaquelina Covaneiro / Sandra Cavaco / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1455 A Porta de Almedina (Coimbra): observações no âmbito da recuperação de fachadas na Torre de Almedina
Sara Oliveira Almeida
- 1469 A minha boca conta uma história: abrasão dentária e a sua relação com actividade e hábitos pessoais numa amostra Portuguesa de época Medieval/Moderna
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1481 Estudo arqueobotânico do povoado alto-Medieval de S. Gens: perspectivas sobre a exploração de recursos lenhosos e agrícolas
Cláudia Oliveira / Ana Jesus / Catarina Tente / João Pedro Tereso
- 1495 Adornos de cavalo da época Medieval, provenientes das escavações do Castelo de Almourol (1898)
Maria Antónia Athayde Amaral
- 1513 As marcas de canteiro da Sé de Lisboa
Sofia Silvério
- 1523 O comércio Medieval de cerâmicas importadas em Lisboa: o caso da Rua das Pedras Negras nº 21-28
Filipe Oliveira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara Ferreira
- 1539 Construções em taipa de época Medieval e Moderna: o exemplo do Chiado
Vanessa Mata / Nuno Neto / Paulo Rebelo
- 1551 Rua do Arsenal 148, Lisboa. Resultados da escavação arqueológica
António Valongo
- 1567 Caracterização da ocupação Tardomedieval na Rua da Prata 221-231 e Rua dos Correeiros 158-168, Lisboa
Filipe Oliveira / João Miguez / Catarina Furtado / Cláudia Costa
- 1581 Breve apontamento sobre a Cerca (“velha”) Medieval de Lagos
Ana Gonçalves / Elena Mórán / Ricardo Costeira da Silva
- 1595 Aveiro em Quatrocentos: evidências materiais de um período (ainda) pouco conhecido junto ao Mosteiro de Jesus (Aveiro, Portugal)
Ricardo Costeira da Silva / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1611 Resultados da intervenção arqueológica realizada nos nºs 54 a 58a da Rua Direita, em Óbidos
Helena Santos / Marco Liberato / Romão Ramos

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1627 A cozinha e a mesa a bordo da fragata Portuguesa Santo António de Taná (Mombaça, 1697): estudo de objectos metálicos e em madeira
Inês Pinto Coelho / Patrícia Carvalho / André Teixeira
- 1641 Resultados preliminares da primeira campanha da missão arqueológica Portuguesa em Sharjah (EAU). Escavação arqueológica em Quelba/Kalba
Mário Varela Gomes / Rosa Varela Gomes / Rui Carita / Kamyar Daryoush Kamyab
- 1657 Novos dados acerca das formas de pão-de-açúcar: o caso do estudo das formas descobertas na Rua Afonso de Albuquerque, Peniche (centro de Portugal)
Adriano Constantino

- 1667 A ala nascente do claustro do Convento de Jesus de Setúbal: resultados da intervenção arqueológica de 2015/2016
Nathalie Antunes-Ferreira / Maria João Cândido
- 1675 Os bens terrenos da Igreja da Misericórdia (Almada) – séculos (XVI-XVIII)
Vanessa Dias / Tânia Manuel Casimiro / Joana Gonçalves
- 1691 Cerâmicas Quinhentistas vidradas de um poço Medieval da Praça da Figueira (Lisboa)
Ana Isabel Barradas / Rodrigo Banha da Silva
- 1703 O sítio dos Lagares (Lisboa): um espaço pluricultu(r)al
Mónica Ponce / Filipe Oliveira / Tiago Nunes / Marina Pinto / Marina Lourenço
- 1715 Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) – séculos XV e XVI
Guilherme Cardoso / Luísa Batalha / Paulo Rebelo / Miguel Rocha / Nuno Neto / Sara Brito
- 1731 Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa)
Anabela Castro / Nuno Amaral de Paula / Joana Bento Torres / Tiago Curado / André Teixeira
- 1751 Os silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa)
Luísa Batalha / Nuno Neto / Pedro Peça / Sara Brito / Guilherme Cardoso
- 1767 Estruturas Pré-Pombalinas e espólio associado no Pátio José Pedreira (Rua do Recolhimento e Beco do Leão, freguesia Santa Maria Maior)
Anabela Joaquineto
- 1781 Policromias e padrões: azulejos “de aresta” e “de corda-seca” do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa (séculos XV-XVI)
André Bargão / Sara Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1795 O contexto do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos: os contentores para líquidos
Rita Neves Silva / Rodrigo Banha da Silva
- 1809 A cerâmica Italiana dos séculos XV e XVI do Largo do Jogo da Bola em Carnide, Lisboa
Catarina Felício / Filipe Sousa / Raquel Guimarães / André Gadanho
- 1821 Dos objectos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa)
Carlos Boavida
- 1835 Uma lixeira nas Casas Nobres do Infantado
Tânia Manuel Casimiro / António Valongo
- 1849 Os potes *martaban* provenientes da antiga Ribeira Velha, Lisboa
Mariana Mateus / Inês Simão / Filipe Oliveira / Rita Souta
- 1863 Cerâmica Portuguesa azul sobre azul – séculos XVI e XVII
Luís Filipe Vieira Ferreira / Isabel Ferreira Machado / Tânia Manuel Casimiro
- 1873 Portas de madeira reutilizadas em cofragens de época Pombalina (Campo das Cebolas, Lisboa)
Cristóvão Fonseca / João Miguez / José Bettencourt / Teresa Quilhó / Inês Simão / Mariana Mateus / Teresa Freitas
- 1891 O conjunto de selos de chumbo proveniente do Campo das Cebolas, Lisboa
Inês Simão / João Miguez
- 1901 Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. Alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de Lisboa
Inês Simão / João Miguez / Marta Macedo / Teresa Alves de Freitas / Cristóvão Fonseca / José Bettencourt

- 1915 A dimensão marítima do Boqueirão do Duro (Santos, Lisboa) nos séculos XVIII e XIX: primeiros resultados arqueológicos
Marta Lacasta Macedo / Inês Mendes da Silva / Gonçalo Correia Lopes / José Bettencourt
- 1925 Arqueotematologia Moderna/Contemporânea: práticas funerárias e cronologia relativa no adro da Igreja de Santa Maria dos Anjos, Valença
Luís Miguel Marado / Luís Fontes / Francisco Andrade / Belisa Pereira
- 1933 Fragmentos do quotidiano no Terreiro do Real monumento de Maфра (1717-2017)
Ana Catarina Sousa / Marta Miranda / Ricardo Russo / Cleia Detry / Tânia Manuel Casimiro
- 1953 O projecto Muge 1692: entre a arqueologia da arquitectura e a reconstrução virtual
Gonçalo Lopes
- 1967 A flora arqueológica da Quinta do Medal (Mogadouro) e a exploração de recursos vegetais durante os séculos XVIII/XIX no Vale do Sabor
Leonardo da Fonte / João Tereso / Paulo Dordio Gomes / Francisco Raimundo / Susana Carvalho
- 1979 Os vidros de Baía da Horta 1 (Ilha do Faial, Açores) enquanto vector de interpretação de um contexto disperso
Tiago Silva / José Bettencourt
- 1993 Baía da Horta 6 (BH-006): um provável naufrágio Americano do século XIX
José Bettencourt / Teresa Quilhó / Cristóvão Fonseca / Tiago Silva
- 2011 A ferro e fogo – a Fundição Vulcano & Collares, Lisboa
João Luís Sequeira / Inês Mendes da Silva
- 2023 Projecto Casa Museu Fialho de Almeida, Cuba – valorização do território e arqueologia preventiva, resultados do acompanhamento arqueológico
Francisca Bicho / Luís Fialho / Consuelo Gomes / Teresa Ricou

ISTO NÃO É UM AFLORAMENTO! É UMA ROCHA DE ARTE RUPESTRE... FACTORES POTENCIAIS DE ESCOLHA DE SUPERFÍCIES DE ARTE RUPESTRE NA FASE ANTIGA PALEOLÍTICA DA ARTE DO CÔA

António Batarda Fernandes¹

RESUMO

Na literatura especializada de arte rupestre encontram-se várias referências ao papel que diferentes factores, em contextos crono-espaciais diversos, poderão ter desempenhado na escolha de superfícies a pintar e/ou gravar. Tom, proeminência ou localização topográfica das superfícies pétreas, encontram-se entre os mais frequentemente mencionados. O objetivo deste artigo é analisar sinteticamente a relevância de factores usualmente referidos na bibliografia aquando da escolha de rochas suscetíveis de serem sujeitas a atenção artística durante a fase antiga paleolítica da Arte do Côa. Tal análise terá necessariamente de examinar até que ponto questões de preservação diferencial permitem ou não retirar conclusões pertinentes acerca da importância de cada um dos factores discutidos.

Palavras-chave: Arte Rupestre do Côa, Graveto-Solutrense, Preservação Diferencial.

ABSTRACT

Several references to the role that different factors, within diverse chronological and geographical contexts, may have played in the choice of surfaces to be painted and/or engraved can be found in the rock art literature. Tone, prominence or topographic location of stone surfaces, are some of the most frequently mentioned. The purpose of this paper is to synthetically analyze the relevance of usually mentioned factors in the choice of rock surfaces susceptible of being subject to artistic attention during the Côa Art archaic Upper Palaeolithic period. Such an analysis will necessarily have to examine the extent differential preservation issues allows to draw pertinent conclusions about the importance of each factor in the choice of surfaces.

Keywords: Côa Valley Rock Art, Gravettian-Solutrean, Differential Preservation.

1. INTRODUÇÃO

Na literatura especializada de estudos de arte rupestre diversas referências mencionam determinados factores como relevantes na escolha de superfícies pétreas que foram sujeitas a intervenção artística (ver, por exemplo, Leroi-Gourhan, 1992, pp. 215-259, 349-376; Steinbring, 1992; Bradley, 2000; Nash & Chippindale, 2004; Bahn, 2016, pp. 201-216,

312-320).² Os modelos interpretativos apresentados nessas análises constituem-se, conquanto possuindo diversos cambiantes epistemológicos determinados pelos diferentes contextos de investigação, como abordagens a uma das questões mais recorrentes nos estudos de arte rupestre: “Porquê arte rupestre aqui, neste(a) afloramento/superfície/gruta, e não noutro(a)s?”. Para além das questões de filosofia de ciência acima aludidas, esses mesmos con-

1. Fundação Côa Parque, Rua do Museu, 5150-629 Vila Nova de Foz Côa; antoniobatarda@arte-coa.pt.

2. Sendo variadas as referências, indicam-se somente, devido a constrangimentos de espaço no presente escrito, estes trabalhos como pontos de partida para uma pesquisa mais alargada sobre esta temática. No entanto, ao longo do texto e quando considerado relevante, serão citadas referências pertinentes para a análise de cada factor.

textos de investigação, nomeadamente a cronologia e localização da arte rupestre estudada, determinam também a preferência por modelos interpretativos que destacam a importância de determinados factores potenciais de selecção em detrimento doutros. Tais escolhas serão explicadas pela grande diversidade global de entornos onde existe alguma forma de arte rupestre. Por outro lado, autores há que apenas marginalmente, ou mesmo de todo, valorizam o papel de potenciais factores de escolha no fenómeno “Arte Rupestre”, sugerindo que questões de preservação diferencial, e graus elevados de destruição do registo rupestre ao longo dos anos, não permitirão tomar a pequena *parte* hoje existente pelo *todo* original (ver, por exemplo, Bednarik, 1994).

Como já bastamente notado, cada caso é um caso e se optimistamente será possível extrair dados relevantes de análises à escala local ou mesmo regional que informem modelos de aplicação a uma escala global (Fernandes, 2017), o propósito deste artigo é o de analisar se na arte de cronologia Graveto-Solutrense do Vale do Côa se encontram indícios que permitam aquilatar da relevância de potenciais factores de escolha, apresentando ainda uma visão de conjunto mas sintética sobre o que neste momento se pode avançar relativamente ao caso particular do Côa.³ Dando mais relevo a um ou outro atributo e em maior ou menor detalhe, tal sugestão pode ser encontrada nos escritos de autores que nos últimos 20 anos têm lançado o olhar sobre a arte rupestre de cronologia paleolítica do Côa (Baptista & García Díez, 2002; Jorge, 2003; Baptista, Santos & Correia, 2006, 2008a, 2008b; Fernandes, 2012, 2016a; Santos, 2012; Reis, 2011; Fernandes & *alii*, 2017). Assim, pretende-se cotejar os atributos potenciais de escolha que se tem vindo a mencionar no estudo do *corpus* mundial de arte rupestre com o caso particular da Arte do Côa de fase antiga e discutir sucintamente quais se poderá considerar terem desempenhado um papel relevante em tempos Graveto-Solutrenses.

3. Este período foi escolhido por ser aquele que apresenta arte parietal de características mais ‘monumentais’ (Baptista, 2009, pp. 166-183), cuja dimensão simbólica, de necessidade de transmissão eficiente de conteúdos, e, portanto, de escolha dos suportes mais apropriados, terá tido maior importância.

2. ACERCA DAS QUESTÕES DE PRESERVAÇÃO DIFERENCIAL DA ARTE RUPESTRE GRAVETO-SOLUTRENSE DO VALE DO CÔA

As questões de preservação diferencial relativas à Arte do Côa da fase mais antiga, mas também de cronologia posterior, têm vindo a ser intensamente debatidas pelos investigadores que se interessam pelo tema. Embora cada siga a sua própria abordagem, é duma forma geral possível distinguir duas grandes perspectivas discordantes: uma que ensaia demonstrar que a perda de motivos e superfícies de arte rupestre terá sido elevada ou mesmo muito elevada ao longo dos 20, 25 milénios que hoje nos separam da fase mais antiga (Baptista, 2009, 130-131; Aubry & *alii*, 2010; Aubry, Luís & Dimuccio, 2012, 2014-2015) e outra, onde o autor se inclui, que tenta evidenciar que a taxa de preservação até aos nossos dias da arte desse mesmo período é razoável se não mesmo muito razoável (Fernandes, 2012, 2016b; Reis, 2011; Fernandes & *alii*, 2017).⁴ Embora seja um truísmo afirmá-lo, julga-se importante realçar que um fenómeno multifacetado como a arte rupestre, imanente dum ser complexo como o *Sapiens sapiens*, é necessariamente... complexo. Assim, diferentes perspectivas terão o seu cabimento contribuindo para que estejam disponíveis interpretações *diversas*, complementares por não serem completamente antagónicas, e que contribuem para ampliar o conhecimento contemporâneo acerca de tal fenómeno, ou conjunto de fenómenos, como é a arte paleolítica do Vale do Côa.⁵ Embora as duas perspectivas apresentem argumentos refutáveis, mas de índole necessariamente especulativa, já que é impossível saber exactamente o que se terá perdido completamente, o autor acredita que este debate académico revela a apreciável dinâmica científica que tem sido possível mobilizar em torno do estudo da arte rupestre do Vale do Côa. Por sua vez, esta di-

4. Não será possível nesta ocasião detalhar aprofundadamente os argumentos apresentados por ambas abordagens, remetendo-se pois o leitor para a consulta das referências indicadas.

5. Sublinhe-se que Bahn (2016) identifica e discute, no contexto específico da arte parietal da Europa Ocidental do Paleolítico Superior, onde a Arte do Côa se insere, formal e tematicamente, a influência de diversos atributos na escolha das superfícies a gravar e/ou pintar.

versidade de perspectivas concorre igualmente para apresentar aos visitantes que demandam o Côa narrativas/interpretações plurais acerca da arte rupestre enriquecendo assim a visita pública ao Museu do Côa e Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC). Se as questões de preservação diferencial são relevantes na análise que seguidamente se apresenta, merecendo consideração particularizada relativamente a cada um dos factores discutidos, é importante notar que todo o estudo dum determinado conjunto de arte rupestre se realiza hoje a partir dos dados existentes e que se preservaram no decurso da passagem dos milénios (ver também Reis, 2011, pp. 39-41). Por exemplo, no caso do Côa, a análise estatística das diferentes espécies representadas na arte paleolítica da fase antiga é feita precisamente a partir do sobrevivente acervo rupestre. Ou seja, e apresentando somente um exemplo concreto dos muitos que se poderão invocar acerca do enviesamento de olhar acerca dum *todo* passado do qual hodiernamente apenas *parte* se pode apreciar, se o registo rupestre original paleolítico tivesse sobrevivido na sua totalidade talvez a espécie que hoje determinamos como a mais representada (o bovídeo, ver Baptista, 2009, p. 113) fosse suplantada, mesmo que marginalmente, por outra. Um maior ênfase dado a uma fraca taxa de preservação impedirá ainda a asserção de modelos interpretativos acerca da organização espacial da arte arcaica do Côa que propõem uma articulação entre as diversas rochas gravadas e motivos aí contidos. Se muito se perdeu, as vinculações entre rochas e motivos hoje observáveis ter-se-ão estabelecido no passado Graveto-Solutrense numa forma actualmente não observável.⁶ Considerando uma taxa de preservação muito fraca ou mesmo fraca, tais constrangimentos, deveriam coibir a realização de estudos que tenham como ponto de partida os dados hoje disponíveis, ao que se supõem, muito incompletos. Tal concorrerá para restringir (ainda mais) o que é no presente possível inquirir cientificamente acerca da arte paleolítica da fase antiga do Côa ou doutros sítios de cronologia e contexto geográfico semelhante

6. Refira-se que modelos desta índole, que o autor reputa de propostas relevantes que ajudam a enriquecer o conhecimento contemporâneo acerca do fenómeno arte rupestre, foram avançados para vários sítios de arte rupestre da fase arcaica do Vale do Côa (Baptista, Santos & Correia, 2006, 2008a, 2008b).

ou mesmo díspar. Pelo contrário, se a taxa de preservação for razoável ou mesmo muito razoável, as considerações estatísticas, que no fundo informam na base todos os estudos interpretativos de arte rupestre no que se refere aos temas representados, técnicas pictóricas, bem como extrapolações relativas à existência dos nossos antepassados paleolíticos, nascença da arte, e à própria história da espécie, terão um maior grau de aceitabilidade, já que se terá perdido uma menor quantidade do todo original. Embora se possa dizer o mesmo relativamente ao registo arqueológico *lato sensu*, tal não deve impedir, como não tem impedido, que se tentem estabelecer, a partir dos dados existentes, teorias interpretativas, i.e. grandes narrativas, que almejam conhecer e sistematizar os diversos componentes do processo de evolução humana. Paralelamente, não será o caminho mais interessante assumir uma completa perda de inocência pós-modernista, no sentido de no limite não existir uma *verdade* ou mesmo *verdades* científicas, como final ou incontornável. Sugere-se que o conhecimento científico é construído de forma contingente necessariamente plural. Aliás, a moderna psicanálise sugere que o *Sapiens sapiens*, a nível individual, mas também como espécie, nunca conseguirá conhecer-se totalmente; saber precisamente qual(is) a(s) sua(s) *verdade(s)* (Zizek, 1989). Neste sentido, para além do facto da arte, da ciência ou da religião, em conjunto e/ou separadamente, poderem ser entendidas como tentativas de chegar a patamares de *verdade*, nas diversas escalas ontológicas em que os seres humanos operam, será impossível não projectar o presente, inalienável de todas as suas cargas ideológicas, vivenciais, ou de personalidade, na visão que o sujeito observador tem sobre um qualquer fenómeno histórico, fazendo assim com que este mesmo momento presente determine a forma como contemporaneamente se lê e estuda o passado (Khader, 2013). Por conseguinte, também relativamente à matéria aqui especificamente tratada, poderemos afirmar que o que ainda hoje sobrevive é suficientemente relevante para daí inferir indicações relevantes acerca dum complexo rupestre original e sua importância na vida paleolítica?

3. IDENTIFICAÇÃO E DISCUSSÃO DOS FACTORES POTENCIAIS DE ESCOLHA

A lista que seguidamente se apresenta discute os diversos factores potenciais de escolha comum-

mente referidos, conjuntamente com as atinentes questões de preservação diferencial, e considerando o caso específico da arte de fase antiga do Vale do Côa. Se por um lado se tentará balizar a discussão pelo estritamente necessário a uma abordagem inicial de conjunto a este tema, nota-se também que estes factores podem encontrar-se numa situação de interdependência relativamente à sua acção no contexto específico da Arte de fase antiga do Vale do Côa, o que conferirá um grau elevado de complexidade a tal análise. Por outro lado, optou-se por uma abordagem micro-local e local que embora tenha de considerar todo o contexto regional se foca essencialmente na escala do afloramento individual (*Existência prévia de motivos e Características físicas das superfícies gravada*) e na dos conjuntos de arte rupestre (*Inserção espacial dos afloramentos gravadas*). Finalmente, as inferências que informam a discussão deste caso específico resultam da observação empírica decorrente do trabalho de campo levado a cabo nos últimos 17 anos, das conversas tidas com um vasto conjunto de colegas do PAVC e outros especialistas que têm desenvolvido investigação no Côa, assim como dos vários estudos dados ao prelo sobre todas as questões conexas à que presentemente se analisa.⁷

3.1. Existência prévia de motivos

Num artigo presentemente em fase final de publicação (Fernandes, no prelo), o autor propõe que, juntamente com outras características como sejam temas representados e cânones artísticos seguidos, as diversas rochas com motivos de fase antiga no Vale do Côa em situação de sobreposição fornecem indícios claros acerca da dimensão simbólica desta arte. É argumentado que a escolha de determinados painéis e de áreas específicas de painéis onde já figuravam motivos gravados para sobrepor novas representações terá sido propositada, uma forma de perpetuar conteúdos ou mesmo comunicar novos significados no local considerado apropriado para tal. Nota-se que nestes casos se terá deliberadamente sobreposto motivos no topo de representações já existentes, quando em muitas destas superfícies existiriam áreas disponíveis onde nenhuma gravura foi aposta. Se razoavelmente será impossível afirmar que todos os afloramentos gravados na fase Graveto-Solutrense

teriam disponíveis áreas que não tenham sido gravadas, pode contudo hoje constatar-se que subsistem diversas Rochas com motivos desta cronologia sobrepostos *intencionalmente* (Baptista, 2009, pp. 142-146). De entre estas, podemos particularizar os casos das Rochas 3 da Penascosa (ver Baptista, 2009, pp. 24-25, 86-87) ou 1 da Canada do Inferno (*ibidem*, pp. 22-23) (ver também discussão sobre *Qualidade*).⁸

3.2. Características físicas das superfícies gravadas

3.2.1. Tom

Esta característica das superfícies gravadas será uma das mais difíceis de considerar como factor de escolha, já que os afloramentos xistosos do Vale do Côa apresentam tonalidades muito díspares, por vezes até no mesmo painel sendo impossível determinar como esses tons se terão modificado no decurso dos milénios. Constituem-se como questões de preservação diferencial das colorações no momento Graveto-Solutrense de gravação das superfícies gravadas, a colonização biológica (nomeadamente por micro-organismos, líquenes e briófitas), a localização em leito de cheia, a deposição de sedimentos, lixiviações várias ou a migração de materiais ferrosos do interior das rochas em direção à superfície (Rodrigues 2003, p. 426). Assim, este será um factor a não considerar.

3.2.2. Qualidade

Opta-se por listar esta característica dos afloramentos destacadamente como *Qualidade* embora também se pudesse incluir neste item a dureza ou textura das superfícies gravadas. Acredita-se que não traduzindo todos estes termos exactamente os mesmos atributos, acabará por ser *Qualidade* a designação que melhor descreverá o que terá constituído uma condição determinante na escolha dos painéis e afloramentos a gravar. De facto, como nota Mário Reis (2011, pp. 44-54), a existência de áreas coesas, relativamente uniformes, e apresentando dinâmicas de degradação (Fernandes, 2014) em estado de desenvolvimento incipiente, terá sido condição preferencial para a gravação de motivos, não só em

7. Ver, entre outras, as referências indicadas na Introdução e secção anterior.

8. Devido às contingências de espaço da presente publicação, não será possível apresentar figuras ilustrando os casos de Rochas específicas do Côa mencionados ao longo deste artigo. Assim, citar-se-ão, na primeira menção de cada caso no texto, publicações onde se encontram disponíveis fotografias e desenhos pertinentes para os exemplos apresentados.

tempos Graveto-Solutrenses. Estas áreas evidenciam a resiliência dos xistos regionais (Rodrigues, 2003), mas também dos granitos da zona mais setentrional do PAVC, nomeadamente do Núcleo de Arte Rupestre da Faia (Reis, 2011, pp. 58-59), já que sobreviveram figuras gravadas em condições razoáveis ou muito razoáveis de conservação desde, tempos Graveto-Solutrenses, há cerca de 25.000 anos. Todas as superfícies gravadas, ou não, resistiram até aos dias de hoje apresentando em maior ou menor grau sinais da passagem do tempo sendo útil considerar este factor, no que toca às questões de preservação diferencial, conjuntamente com o que abaixo se menciona acerca da *Orientação cardinal dos afloramentos gravados*. De qualquer modo, adianta-se que, tendo sempre em conta a tal resiliência dos xistos locais, sendo os afloramentos a face visível de famílias de diáclases regionais, apresentando superfícies lisas e, no limite, minimamente, coesas, será de admitir que a perenidade dessas mesmas superfícies como um todo estará mais dependente dos mecanismos de instabilização gravitacionais do que das dinâmicas superficiais de perda, pese embora os *não muito* numerosos casos de perda parcial de motivos por ‘desplacagem’ superficial hoje observáveis.

3.2.3. Forma

Aqui não se considera o contorno detalhado dos afloramentos, passível de ser integrado em figuras rupestres, e por isso considerado na subsecção *Potencial para a integração de formas naturais pré-existent nos motivos*, mas sim a forma global do afloramento. No Côa, um caso específico sugere que a área que foi gravada terá sido determinada pela forma do painel. É o caso da Rocha 3 da Penascosa, em terá sido a forma longitudinal do painel a delimitar a ‘tela’ a utilizar pelos artistas paleolíticos. De qualquer modo, este caso concreto *não sugere uma escolha deliberada* dum determinado afloramento mas sim um condicionamento à gravação. Assim, sendo aqui discutido por ser referido na bibliografia especializada, este factor não é considerado como aplicável no caso do Côa.

3.2.4. Volume

A grande maioria das Rochas do Côa com arte Graveto-Solutrense apresentam volumes consideráveis – o que também poderá ter contribuído para um maior destaque na paisagem destas superfícies (ver *Proeminência*) – apresentando ainda hoje gran-

des ou médias superfícies gravadas. Como exemplos, podem citar-se todas as Rochas de fase antiga da Penascosa, da Ribeira de Piscos, nomeadamente a 13 (*ibidem*, pp. 138-139), ou da Canada do Inferno. Questões de preservação diferencial tornam complexo supor um volume equivalente ou igual dos afloramentos aquando da sua gravação. No entanto, nota-se que a ter havido mudanças elas ocorreram apenas num ‘sentido’. Ou seja, as rochas poderão ter perdido secções, nunca ganhando novas. Assim, afloramentos, originalmente já de dimensões bem razoáveis, poder-se-ão ter reduzido, nunca ficado maiores. Como tal, propõe-se que hoje, dependendo evidentemente dos casos específicos, ainda se conseguirá observar porções razoáveis ou mesmo sensivelmente totais dos volumes existentes à época de gravação.

3.2.5. Inclinação dos afloramentos

Num trabalho anterior (Fernandes, 2014, pp. 94-95), o autor notou que painéis gravados do Vale do Côa de cronologia paleolítica de fase antiga, todos possuindo configuração vertical, apresentam pendores de todo não negligenciáveis das suas superfícies. Tal facto foi associado à pressão gravitacional motivada pela localização dos afloramentos em encostas de pendente relativamente acentuado. Contudo, uma vez que será impossível determinar as inclinações apresentadas pelos afloramentos gravados em tempos Graveto-Solutrenses, este atributo não será considerado.

3.2.6. Potencial para a integração de formas naturais pré-existent nos motivos

Este atributo foi analisado de forma desenvolvida em publicação recente sobre as rochas da fase antiga do Vale do Côa mas também de Siega Verde (Fernandes & alii, 2017). Em ambos os sítios, dado o número razoável de motivos em que é possível sugerir a integração de formas naturais (contorno das superfícies rochosas, fracturas, zonas convexas ou côncavas) das superfícies rochosas nos motivos gravados, aliás documentada noutras ocorrências em França e Espanha de arte da mesma cronologia (*ibidem*, p. 293), concluiu-se que este atributo poder-se-á ter constituído como um potencial factor de escolha das superfícies a gravar. Relativamente a questões de preservação diferencial, foi ainda sugerido que estes casos evidenciam, em menor ou maior grau, uma conservação *óptima* das áreas pre-

cisas dos afloramentos rochosos onde foram *directamente* inscritos motivos gravados integrando formas naturais pré-existentes (*ibidem*, pp. 298-311). Por outro lado, foi ainda possível identificar outros casos em que não existindo um aproveitamento de formas pré-existentes contudo se verifica que diferentes planos dos afloramentos onde foram apostas representações artísticas se apresentam num estado de conservação semelhante ou mesmo idêntico ao que teriam no momento Graveto-Solutrense de gravação (*ibidem*, p. 310).

3.3. Inserção espacial dos afloramentos gravadas

3.3.1. Orientação cardinal

Este atributo dos afloramentos gravados, e sua conexão com questões de preservação diferencial, tem sido amplamente discutido, ao longo dos últimos 20 anos, no quadro dos projectos de investigação levados a cabo no Vale do Côa. Remetem-se pois os leitores para a leitura das referências bibliográficas acima citadas, nomeadamente dos artigos mais recentes. Aqui notar-se-á, contudo, que se considera que as questões de preservação diferencial enunciadas por Aubry, Luís e Dimuccio (2012, 2014-2015) explicarão apenas em parte a preponderância de motivos paleolíticos da fase antiga em afloramentos orientados a SE quando existiam, em tempos Graveto-Solutrenses, superfícies expostas a outras orientações, nomeadamente NW e, no caso específico do Núcleo de Arte Rupestre da Penascosa, também W. Argumentos apresentados relativamente à preservação preferencial dos painéis de arte rupestre *hoje* conhecidos não deixam de ter, considerando também a complexidade de todos os fenómenos multifacetados e interligados que promovem a degradação da arte rupestre, um âmbito necessariamente especulativo, nomeadamente ao afirmar-se que a “primeira fase da arte paleolítica apenas se preservou durante o último Máximo Glaciar porque esteve, e alguma dela ainda estará, coberta por depósitos aluviais e coluviais” (Aubry, Luís & Dimuccio, 2014-2015, p. 154). Assim sendo, sugerir que foram as superfícies orientadas a SE as que “tiveram melhores condições de preservação” (*ibidem*, p. 168) por oposição àquelas expostas a NW, será irrelevante (além de complexa demonstrabilidade no que concerne ao papel da Biodeterioração nos processos de degradação, ver Marques & *alii*, 2014) porque *toda* a Arte da fase antiga do Côa (ou uma grande maioria) hoje conhecida apenas terá sobrevivido por ter esta-

do soterrada durante muitos milénios por depósitos mobilizados pelo rio ou caídos das encostas.

Se de facto todos os processos que moldaram a paisagem contemporaneamente reconhecida de arte rupestre do Vale do Côa são por natureza dinâmicos, manifestando-se ao longo do tempo geológico, os trabalhos de escavação levados a cabo na Rocha 1 do Fariseu, coberta por camadas sedimentares pleistocénicas e holocénicas que praticamente tapavam a totalidade dos seus quase três metros de altura (Aubry & *alii*, 2010; Baptista, 2009, pp. 54-67), forneceram indicações que importa valorizar. A camada estratigráfica mais antiga que foi possível datar evidencia que a maior parte da Rocha 1 não estaria ainda coberta e portanto disponível para gravação em momentos anteriores a pelo menos 18.400 anos BP (Aubry & *alii*, 2010). Mais significativamente, a cronologia da sequência estratigráfica identificada demonstra que a Rocha terá estado *exposta*, durante períodos posteriores paleolíticos, aos efeitos perniciosos para a conservação das suas figuras gravadas promovidos pelo clima mais agressivo do último Máximo Glaciar. Assim, bastas representações artísticas de fase arcaica identificadas neste afloramento densamente gravado⁹ sobreviveram, expostas, aquando da fase final do último Máximo Glaciar, tendo em conta as datações obtidas para as camadas pleistocénicas mais recentes que progressivamente foram cobrindo o painel (Aubry & *alii*, 2010). Ora, se é verdade que este afloramento é somente um de quase uma centena de superfícies com figurações da fase antiga, não é menos certo que esta é a única Rocha de Arte Rupestre identificada (e escavada) até hoje no Vale do Côa soterrada por níveis pleistocénicos, mesmo se apenas parcialmente já que uma porção dos sedimentos soterrantes são de cronologia holocénica. Assim, os dados obtidos na escavação *desta* Rocha não permitirão assertar um modelo de preservação das Rochas com Arte da fase antiga do Côa assente no seu enterramento em larga escala durante a fase final do último Máximo Glaciar.

9. É interessante notar que a atribuição de mais de 20.000 anos aos motivos da fase antiga desta e outras rochas do Vale do Côa, que o autor aliás subscreve, é proposta também baseada em analogias estilísticas com arte pertencente ao vasto registo rupestre da Europa Ocidental, nomeadamente de França e Espanha, e datada por vários métodos (Baptista, 2009, pp. 166-171; Santos, 2012, pp. 43-44). É que a comparação estilística é um exercício interpretativo, logo subjectivo, mas não menos efectivo ou plausível...

Cumulativamente, será complexo sustentar que muitas das Rochas de fase antiga situadas a cotas mais elevadas do que o leito do rio, tenham sido cobertas por aluviões e/ou coluviões, nomeadamente as Rochas 6 ou 7 da Penascosa, 13 da Ribeira de Piscos, praticamente todas da Quinta da Barca, assim como da Canada do Inferno. Refira-se que Rebelo e Cordeiro sugerem que nalguns casos há indícios relevantes duma “não regularização (das superfícies gravadas) por depósitos periglaciares e uma manutenção até agora, apesar do último pico de frio do Tardiglaciar e das acções erosivas posteriores” (1997, p. 101). É ainda mencionada especificamente a Rocha 15 da Canada do Inferno “onde as marcas da actuação do gelo são tão fortes que não deixam dúvidas quanto à sua exposição durante um pico de frio muito intenso que (...) não será fácil aceitar como localizado em tempos históricos” mas sim de cronologia Tardiglaciar ou mesmo “dos últimos tempos (...) do Pleniglaciar superior” (*ibidem*). Como foi já notado por outros autores (Reis, 2011), de um modo geral, os afloramentos localizados em vertentes expostas a NW apresentam hoje uma menor qualidade das suas superfícies, nomeadamente no que concerne à disponibilidade de áreas ‘mais’ passíveis de serem gravadas. Conquanto se tenham de considerar questões de preservação diferencial das superfícies (gravadas ou não) expostas a NW e localizadas em vertentes com a mesma orientação *vs.* aquelas orientadas a SE, tal poderá indicar uma escolha deliberada de afloramentos. Não uma escolha apenas determinada por razões culturais *latu sensu*, como também pela própria disponibilidade, no período Graveto-Solutrense, de painéis considerados como possuindo os atributos físicos necessários para uma gravação efectiva e minimamente perene, nomeadamente *Qualidade*.

3.3.2. Acessibilidade/Articulação com cursos de água

A maioria dos afloramentos de arte rupestre da fase antiga localiza-se a cotas baixas, nas margens do Côa, ou dos seus tributários, nomeadamente a Ribeira de Piscos (Fernandes, 2014, pp. 4-11). Como já mencionado, foi o estabelecimento da bacia hidrográfica que determinou a existência de diáclases ao ar livre passíveis de serem utilizadas pelos gravadores do Côa. Duma forma geral, é possível verificar a existência de afloramentos desde altitudes mais elevadas até ao fundo do vale (*ibidem*). Obviamente, dependendo

da génese e configuração específica de cada encosta que na zona do PAVC forma o curso meândrico do Côa, e seus afluentes, existem áreas com mais ou menos afloramentos, situados a cotas baixas, a meia-encosta ou no topo, ou muito perto do topo, das vertentes (*ibidem*, pp. 76-84, 100-101). O facto de existirem muito mais afloramentos gravados da fase antiga junto às linhas de água não é encarado como sendo em si uma escolha ‘cultural’ (muito menos enquadrada por uma qualquer intenção ‘ritualista’ ligada a um hipotético ‘culto da água’), mas talvez mais explicável pela mais fácil acessibilidade das superfícies rupestres, tendo em conta que as linhas de água formam trilhos naturais, como já sugerido noutra ocasião (Fernandes 2012). Apesar de nem sempre estes caminhos serem fáceis de percorrer – veja-se a zona mais setentrional do PAVC, o desfiladeiro em terrenos graníticos da Faia onde os grandes blocos de granito tornam a progressão lenta, exigente e mesmo perigosa – o troço final do Côa implantou-se sobre terrenos xistosos mais ‘dúcteis’, criando uma paisagem de pendentes mais suaves e margens mais ou menos abertas e suaves onde poucos obstáculos naturais, para além do fluxo do rio, existem. O granítico Núcleo de Arte Rupestre da Faia será mesmo um caso paradigmático acerca da relação entre acessibilidade e cota baixa dos painéis gravados, já que apesar das dificuldades de acesso, arte rupestre da fase antiga foi gravada muito próxima das margens do rio, e não acima, em zonas mais elevadas dos paredões quase verticais e muito difíceis de alcançar, mesmo com o auxílio de andaimes, que se alteiam desde o leito do rio até aos planaltos cimeiros de ambas as margens do Côa. Por outro lado, o facto de se ter escolhido a Faia granítica, para além das margens xistosas menos declivosas do troço imediatamente final do Côa, para a inscrição de motivos rupestres de fase antiga a uma cota baixa, nas margens do trilho natural que o rio constitui, remete para outra interpretação da importância cultural da localização dos afloramentos gravados: a dos motivos terem sido feitos para terem um grau elevado de visibilidade, para servirem como *media* para a difusão duma determinada mensagem (ou de várias) contida(s) nos símbolos escolhidos para serem tema da arte do Côa (e, em grande medida, da arte doutros sítios de arte rupestre em gruta ou ao ar livre da mesma cronologia), os mais impressionantes (quer pelas dimensões, quer pelo comportamento) herbívoros na altura existentes na região (Fernandes, 2016a; no prelo).

3.3.3. Articulação com atributos do entorno

Para além da aparente correlação com cursos de água, vários autores referem a articulação da arte rupestre com outros atributos individuais e notáveis da paisagem, como sejam grutas, abrigos naturais, árvores de grande porte, nascentes aquíferas, montes ou colinas, pequenos cabeços ou blocos rochosos de formas mais ou menos sugestivas (ver, por exemplo, Nash & Chippindale, 2004). No caso específico do Côa, assim como de outros sítios com arte rupestre pré-histórica ao ar livre, será extremamente difícil estabelecer a existência de árvores junto às superfícies gravadas aquando da realização de motivos rupestres. Já outros atributos, no caso concreto do Côa, não parecem ter desempenhado papel algum, já que não existem grutas na região, pois o substrato rochoso não é conducente à sua formação. Tão pouco se poderá vislumbrar alguma ligação entre a arte rupestre de fase antiga do Côa e nascentes aquíferas. Quanto a blocos e pequenos cabeços rochosos, para além dos próprios afloramentos xistosos, cuja própria existência foi condição *sine qua non* para execução de gravações, verifica-se que na zona granítica mais setentrional do PAVC, nos planaltos que encimam o curso do Côa existem várias aglomerações de blocos de dimensões variáveis marcando de forma visível a paisagem, na zona compreendida entre Almendra e Algodres. No entanto, até ao momento, nenhumas gravuras da fase antiga foram identificadas nesses blocos. Já no que respeita a abrigos, se nas zonas xistosas localizadas imediatamente antes da foz do Côa praticamente não existirão abrigos naturais, no já mencionado Núcleo de Arte Rupestre da Faia, sobrevivem motivos de fase antiga em abrigo criado pela configuração precisa de trechos das paredes graníticas verticais que ladeiam o curso do Côa. Contudo, como será sugerido pelo caso da Rocha 6 da Faia, onde um motivo da fase antiga sobrevive numa reentrância do substrato rochoso *vs.* outros motivos vizinhos muito similares (de fase antiga, de estilo idêntico e representando o mesmo animal, o auroque) que, tudo o leva a crer, se perpetuaram até ao presente completamente ao ar livre (Fernandes & alii, 2017, Figuras 11 e 12), este não é um caso de preservação diferencial.¹⁰ Embora seja

10. Pelo menos no que diz respeito aos motivos gravados e seu suporte, já que os traços pintados ainda patentes nesta rocha sobreviveram em melhores condições na zona abrigada, apesar de ainda serem discerníveis a olho nu na zona desabrigada.

de valorizar a existência das superfícies abrigadas da Faia onde sobrevivem motivos gravados e pintados da fase antiga, sugere-se como factor determinante na escolha da Rocha 6 o *Potencial para a integração de formas naturais pré-existent nos motivos rupestres* (*ibidem*), assim como, em menor grau, a localização na margem do Rio Côa. Por último, considera-se a sugestão de Baptista, Santos & Correia (2008a) relativamente à importância que os montes do Fariseu e de S. Gabriel terão desempenhado na “estruturação simbólica da arte Gravetto-Solutrense” (*ibidem*, p. 38) dos três sítios localizados rodeando a sua base a S, E e N (respectivamente, Ribeira de Piscos, Fariseu e Vale Figueira; ver *ibidem*, Figura 2), como fundamentada. Assim, será plausível ver na saliência paisagística destes montes (ao quais de poderia juntar a Penascosa-monte, ver Baptista, 2009, p. 172) um factor de escolha destas três áreas como apropriadas para a inscrição de arte rupestre. Contudo, esta asserção aplicar-se-á apenas à escala local do *sítio de arte rupestre*, e não na escala micro-local de escolha específica dos *afloramentos a gravar*.

3.3.4. Proeminência/Localização proeminente

Será importante definir o que se entende por proeminência e localização proeminente numa superfície rupestre do Vale do Côa, já que se crê que estes dois atributos não serão totalmente idênticos. Assim, para além da questão do volume, acima examinada e marginalmente valorizada na presente análise, sugere-se que o facto numa rocha se encontrar relativamente isolada, sobressaindo das restantes, lhe conferirá um destaque vincado e assim mais visibilidade. Embora questões de preservação diferencial possam, mais uma vez, truncar a compreensão contemporânea de como as rochas e seu entorno imediato se apresentavam em momentos Gravetto-Solutrenses, verificam-se algumas instâncias em que será possível observar que não muito terá sido perdido no que se refere ao afloramento total (não relativamente a perdas parciais em secções dos próprios afloramentos) no decurso dos milénios. Tal é o caso do entorno e dos afloramentos relativamente isolados constituídos pelas Rochas 3 e 5 da Penascosa, 1 da Canada do Inferno, 1 da Ribeira de Piscos, 1 de Vale Figueira (ver Baptista, 2009, p.110-111) ou 1 do Fariseu.

Por seu turno, a localização proeminente é entendida como sendo conferida pela associação com determinadas características topográficas como se-

jam as bocas de cursos de água ou pequenos promontórios/reconcavos marginando rios e ribeiras. Também neste caso é possível observar que muitas das rochas gravadas de fase antiga se encontram localizadas junto destes acidentes geográficos, como sejam os casos das Rochas na foz da própria Cana-da do Inferno (ver *ibidem*, pp. 42-43), 13 da Ribeira de Piscos, 1 e 2 da Quinta da Barca (ver *ibidem*, pp. 170, 150-151, respectivamente) ou 1 e 7 do Fariseu. Neste caso particular, as questões de preservação diferencial não serão de todo impeditivas de considerar este factor, já que será razoável afirmar que estes atributos, especialmente as fozes dos cursos de águas, se terão mantido muito pouco inalterados, ou mesmo de todo, na sua configuração desde o Graveto-Solutrense. Este atributo, no que respeita às bocas dos cursos de água, deverá ser considerado conjuntamente com a *Acessibilidade/Articulação com cursos de água*, uma vez que as embocaduras dum curso de água se constituem também como uma confluência e/ou encruzilhada de *trilhos*.

3.3.5. Propriedades acústicas/de ressonância do entorno

Este é um atributo que tem sido insistentemente referido nos últimos anos, nos casos de sítios ao ar livre, sob abrigo ou em gruta (Fazenda & *alii*, 2017). De um modo geral, o autor tem reservas relativamente à preponderância ou não deste atributo na escolha de superfícies de arte rupestre, aliás confirmadas pelo artigo acima citado. É que todas estas localizações, e tal será evidente no caso de grutas e abrigos como também de sítios ao ar livre se consideramos a sua localização no fundo de vales bem encaixados, ou mesmo de desfiladeiros, como no caso do Côa, pressupõem, logo à partida, a existência de qualidades de reverberação sonora nestes entornos. Assim, se um dado entorno possui no seu todo propriedades de ressonância, como será possível individualizar apenas as zonas específicas onde existem painéis de arte rupestre? Para aquilatar acerca de diferenças vincadas nas qualidades de ressonância entre zonas com e sem arte rupestre será necessário realizar medições deste atributo em toda uma gruta, um abrigo ou corredor ribeirinho onde, nalgum ponto particular existem motivos artísticos. Ora, se estudos realizados acerca da arte em gruta sugerem uma correlação entre as propriedades acústicas de zonas bem delimitadas e a existência de motivos artísticos (Waller, 1993), casos de estudo em sítios ao ar livre

pecam por apenas terem realizado medições nas zonas imediatas onde se localizam painéis de arte rupestre (ver, por exemplo, Diaz-Andreu & García Benito, 2012). No caso concreto do Vale do Côa, localizando-se os sítios de arte rupestre de fase antiga ao longo dum corredor ribeirinho relativamente extenso, o facto de alguns serem contíguos tornará problemática a particularização das qualidades acústicas/de ressonância de cada.¹¹ Por outro lado, a existência de afloramentos graváveis em tempos Graveto-Solutrenses não se terá verificado ao longo de todo este corredor ribeirinho. De qualquer modo, no futuro próximo estão previstas medições preliminares das qualidades acústicas dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa. Note-se ainda, que sendo possível medir qualidades vincadas e individualizáveis de ressonância nos sítios de arte rupestre do Vale do Côa, questões de preservação diferencial poderão ser relevantes, pois se se poderá afirmar que a configuração do entorno que conferirá essa propriedade existe, de forma pouco alterada, ou mesmo de todo, desde há mais de 20.000 anos, tal poderá não ser aplicável à escala micro-local do afloramento.

4. CONCLUSÃO

De todos os factores examinados, crê-se que os seguintes poderão ser considerados como tendo desempenhado um papel na escolha de afloramentos a gravar: *Volume, Proeminência, Acessibilidade/Articulação com cursos de água, Orientação cardinal, Existência prévia de motivos, Potencial para a integração de formas naturais pré-existent nos motivos, Articulação com atributos do entorno (Montes), Localização proeminente e Qualidade*.¹² Obviamente, os factores identificados poderão ter actuado cumulativamente, como demonstra o facto das Rochas a que se aludiu como exemplos terem sido mencionadas em vários dos itens listados. Por outro lado, dever-se-á notar que os atributos, em acção conjunta, parcial ou total, ou individual, aqui considerados não deverão ser considerados como tendo determinado a escolha de superfícies a gra-

11. Isto embora se verifique também a existência, na arte de fase antiga, de hiatos espaciais relevantes, como por exemplo entre a Penascosa/Quinta da Barca e a Ribeira de Piscos/Fariseu/Vale Figueira.

12. A verificação de mensurabilidade das *Propriedades acústicas/de ressonância do entorno* aguarda trabalho de campo.

var em *todos* os casos de afloramentos com Arte do Côa da fase antiga. Este estudo é apenas uma análise preliminar, sendo por ora impossível apresentar dados relativos à percentagem de Rochas com arte Graveto-Solutrense em que os factores de escolha discutidos podem ser considerados como relevantes. Finalmente, realce-se que nunca se entendeu a não aleatoriedade na escolha dos afloramentos a gravar em tempos Graveto-Solutrenses puramente como uma questão *Natureza vs. Cultura*, ou muito menos se propôs motivações ritualistas guiando intentos artísticos, logo *culturais*.

BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca; BERGADÀ, Mercé; SAMPAIO, Jorge; SELLAMI, Farid (2010) – Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): Implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art. *Journal of Archaeological Science*. Londres. 37, pp. 3306-3319.
- AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; DIMUCCIO, Luca (2012) – Nature vs. Culture: Present day spatial distribution and preservation of open-air rock art in the Côa and Douro River Valleys (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. Londres. 39, pp. 848-866.
- AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; DIMUCCIO, Luca (2017) – Porque é que a arte do Coa se concentra na margem esquerda? Condicionantes geológicas e ambientais para a formação e conservação dos suportes artísticos do Vale do Coa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 4/5, 2014-2015, pp. 133-174.
- BAHN, Paul (2016) – *Images of the Ice Age*. Oxford: Oxford University Press.
- BAPTISTA, António Martinho (2009) – *O paradigma perdido: o Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- BAPTISTA, António Martinho; GARCÍA DÍEZ, Marcos (2002) – L'art paléolithique dans la vallée du Côa (Portugal): La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air. In *L'art paléolithique à l'air libre: Le paysage modifié par l'image*. Saint-Estève, France: GAEP/GÉOPRE, pp. 187-205.
- BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Tomás; CORREIA, Dalila (2006) – Da ambiguidade das margens na grande arte de ar livre no Vale do Côa: Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca. *Côavisão*. V. N. Foz Côa. 8, pp. 156-184.
- BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Tomás; CORREIA, Dalila (2008a) – Estruturação simbólica da arte Gravetto-Solutrense em torno do monte do Fariseu (Vale do Côa). In *Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, vol. 1. Porto: ACDR de Freixo de Numão, pp. 38-61.
- BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Tomás; CORREIA, Dalila (2008b) – O santuário arcaico do Vale do Côa: novas pistas para a compreensão da estruturação do Bestiário Gravettense e/ou Gravetto-solutrense. In *Arte Prehistórica al aire libre en el Sur de Europa*. Salamanca: Junta de Castilla y León, pp. 89-144.
- BEDNARIK, Robert (1994) – A taphonomy of palaeoart. *Antiquity*. Cambridge. 68: 258, pp. 75-82.
- BRADLEY, Richard (2000) – *An archaeology of natural places*. London: Routledge.
- DIAZ-ANDREU, Margarita & GARCÍA BENITO, Carlos (2012) – Acoustics and Levantine rock art: Auditory perceptions in La Valltorta Gorge (Spain). *Journal of Archaeological Science*. Londres. 39, pp. 3591-3599.
- FAZENDA, Bruno; SCARRE, Chris; TILL, Rupert; JIMÉNEZ PASALODOS, Raquel; ROJO GUERRA, Manuel; TEJEDOR, Cristina; ONTAÑÓN PEREDO, Roberto; WATSON, Aaron; WYATT, Simon; GARCÍA BENITO, Carlos; DRINKALL, Helen; FOULDS, Frederick (2017) – Cave acoustics in prehistory: Exploring the association of Palaeolithic visual motifs and acoustic response. *The Journal of the Acoustical Society of America*. Nova Iorque. 142:3, pp. 1332-1349.
- FERNANDES, António Batarda (2012) – Orientação da arte rupestre do Vale do Côa: Um caso de estudo na distribuição espacial da arte paleolítica ao ar livre. In *Trabalhos de Arqueologia* 54. Lisboa: DGPC, pp. 261-272.
- FERNANDES, António Batarda (2014) – *Natural processes in the degradation of open-air rock-art sites. An urgency intervention scale to inform conservation: The case of the Côa Valley world heritage site, Portugal*. Oxford: Archaeopress.
- FERNANDES, António Batarda (2016a) – The fate of a thinking animal: the role of Upper Palaeolithic rock-art in mediating the relationship between humans and their surroundings. In *Archaeology with Art*. Oxford: Archaeopress, pp. 13-32.
- FERNANDES, António Batarda (2016b) – Orientação das vertentes e conservação de arte rupestre: dados meteorológicos preliminares acerca do complexo de arte rupestre ao ar livre do Vale do Côa. In *Estudos Pré-Históricos 18: Actas da II Mesa-Redonda Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 19-40.
- FERNANDES, António Batarda (2017) – Paul G. Bahn. *Images of the Ice Age*. Third Edition, 2016. *European Journal of Archaeology*. Cambridge. 20: 2, pp. 375-379.
- FERNANDES, António Batarda (no prelo) – The entrapment of art: rock-art, order, subversion, creativity, meaning and the appeal of illusive imagery. *Open Archaeology*.

FERNANDES, António Batarda; REIS, Mário; ESCUDERO REMIREZ, Cristina; VÁZQUEZ MARCOS, Carlos (2017) – Integration of natural stone features and conservation of the Upper Palaeolithic Côa Valley and Siega Verde open-air rock-art. *Time and Mind*. 10: 3, pp. 293-319.

JORGE, Vítor Oliveira (2003) – Algumas reflexões em torno da arte rupestre do Centro-Interior do país, com principal referência ao Côa. In *A irrequietude das pedras. Reflexões e experiências de um arqueólogo*. Porto: Afrontamento, pp. 117-136.

KHADER, Jamil (2013) – Zizek now or never: Ideological critique and the nothingness of being. In *Zizek Now: Current Perspectives in Zizek Studies*. Cambridge: Polity Press, pp. 3-15.

LEROI-GOURHAN, André (1992) – *L'art pariétal: Langage de la préhistoire*. Grenoble: Jérôme Millon.

MARQUES, Joana; HESPANHOL, Helena; PAZ-BERMÚDEZ; Graciela; ALMEIDA, Rubim (2014) – Choosing between sides in the battle for pioneer colonization of schist in the Côa Valley Archaeological Park: a community ecology perspective. *Journal of Archaeological Science*. Londres. 44, pp. 196-206.

NASH, George; CHIPPINDALE, Christopher (2004) – *Pictures in place: The figured landscapes of Rock-Art*. Cambridge: Cambridge University Press.

REBELO, Fernando; CORDEIRO, Rochette A. M. (1997) – A geomorfologia e a datação das gravuras de Foz Côa – Metodologia e desenvolvimento de um caso de investigação científica. *Finisterra*. Coimbra. 32:63, pp. 95-105.

REIS, Mário (2011) – Prospeção da arte rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009. In *Actas do V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, pp. 11-124.

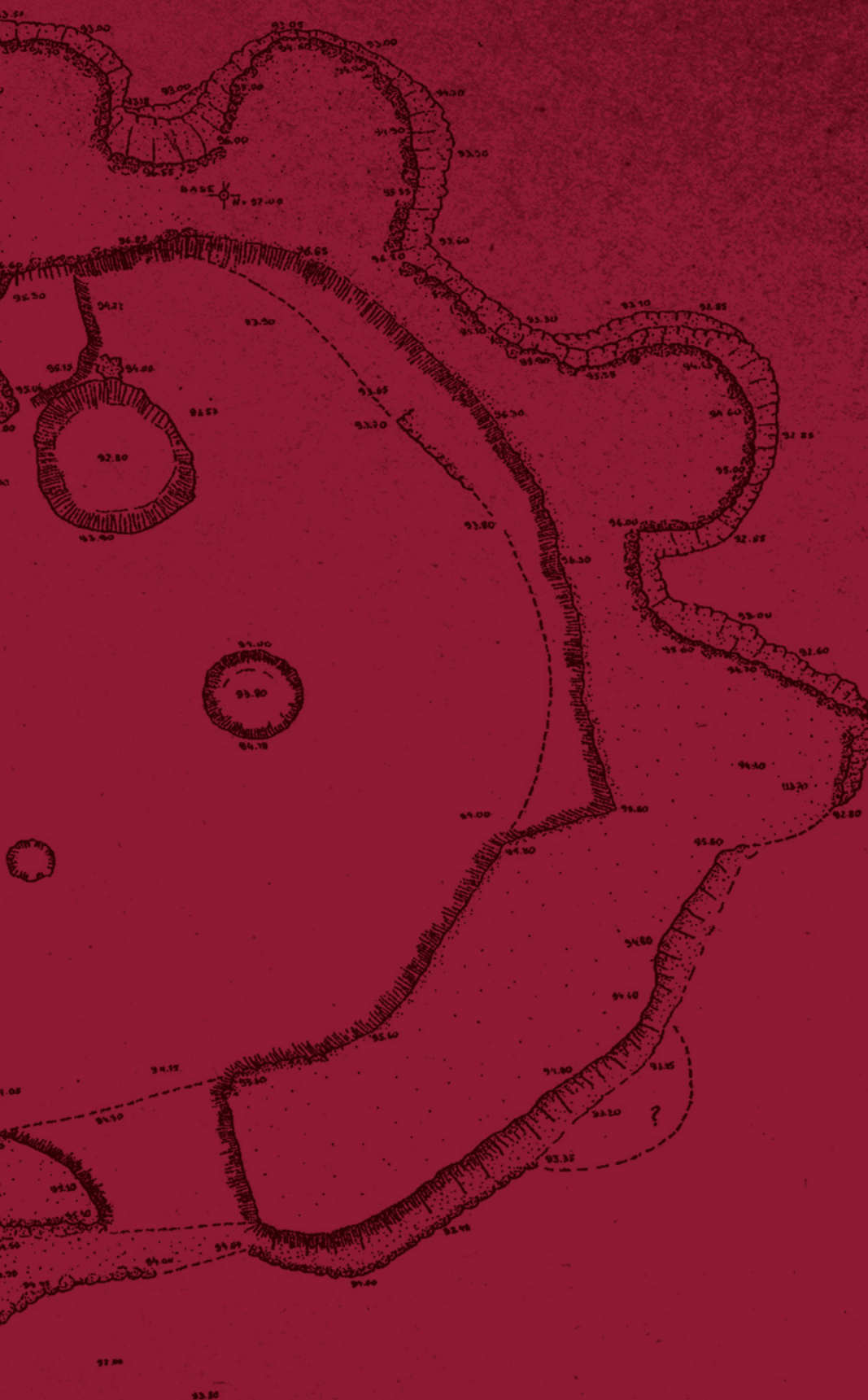
RODRIGUES, José Delgado (2003) – Histórias com água e pedras. Nem sempre mole, nem sempre duras. In *A Geologia de Engenharia e os recursos geológicos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 419-435.

SANTOS, André Tomás (2012) – Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito da superação de uma persistente dicotomia conceptual. In *Trabalhos de Arqueologia* 54. Lisboa: DGPC, pp. 39-67.

STEINBRING, Jack (1992) – Phenomenal attributes: site selection factors in rock art. In *American Indian Rock Art* 17. Tucson: American Rock Art Research Association, pp. 102-113.

WALLER, Steven (1993) – Sound reflection as an explanation for the content and context of rock art. *Rock Art Research*. 10:2, pp. 91-101.

ZIZEK, Slavoj (1989) – How did Marx invent the symptom? In *The sublime object of ideology*. London: Verso Books, pp. 11-54.



Patrocinador oficial

AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

U FLUL
LISBOA
LETRAS
LISBOA

FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

**FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP**